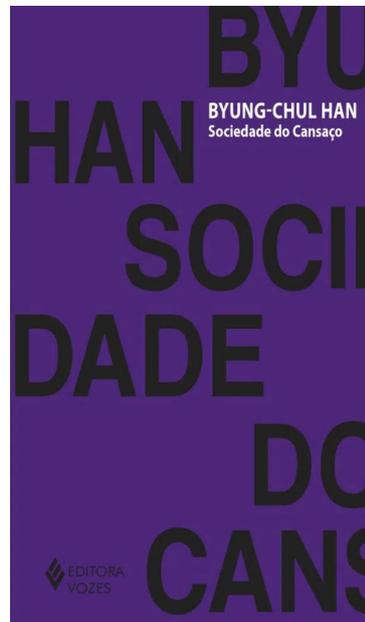


## Sujeitos assujeitados: Produzindo a exaustão

Cibele Saliba Rizek

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Editora Vozes, 2ª. Edição ampliada. Petrópolis, 2021

Cibele Saliba Rizek é Professora titular do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania FFLCH USP. Pesquisadora do CNPq



A leitura desse pequeno livro não é fácil. Navega-se com o autor por um conjunto de pequenos ensaios que entrelaçam temas e disciplinas diferentes, permeados por sólidas concordâncias e discordâncias nem sempre totalmente desvendadas, ensaios que atravessam campos de reflexão como a filosofia e a psicanálise, que tangenciam considerações sociológicas e políticas, em busca de linhas mestras que permitam compreender condições objetivas, desdobramentos

e densidades que conformam subjetividades, relações de alteridade nubladas ou obscurecidas, suas mediações contemporâneas, inclusive aquelas compostas pelas tecnologias digitais. Esse rendilhado de temas e questões compõem, assim, as 128 páginas dessa edição, que incluiu anexos sobre a formação de sujeitos e sobre a celebração e a festa, sua potência silenciada, sua impossibilidade contemporânea.

Para demonstrar algo dessa dificuldade – inclusive de apreciação por qualquer mortal cuja reflexão esteja circunscrita por um campo disciplinar – talvez seja necessário elencar alguns dos temas e dos alertas mais significativos do autor, cuja formação filosófica é evidente à cada página. Do estranho ou estrangeiro e sua presença identificados, com Esposito, como elementos do paradigma imunológico<sup>1</sup> (primeiro negado e depois abandonado na continuidade do argumento), passando pelos excessos de positividade e ausência reiterada de negatividade, Han vai construindo o que pode ser identificado como uma espécie de genealogia das relações amigo/inimigo, que se distingue da genealogia da violência, o que conduz o leitor à ideia segundo a qual, a “violência da positividade não pressupõe nenhuma inimizade. Desenvolve-se precisamente numa sociedade permissiva e pacificada. (...) Habita o

<sup>1</sup> Ver especialmente ESPOSITO, Roberto. *Temos da Política: Comunidade, Imunidade, Biopolítica*. Curitiba: UFPR, 2017

espaço livre de negatividade do igual, onde não se dá nenhuma polarização entre inimigo e amigo, interior e exterior ou entre próprio e estranho.”(p. 19) Violência sistêmica e adoecimento se compõem assim como um primeiro tema que perpassa as formas contemporâneas do psiquismo advindas da depressão, da síndrome de *burnout*, dos déficits de atenção. O excesso do mesmo ou do igual surge de uma massificação do positivo que se transmuta em violência sistêmica cujos desdobramentos vão aparecendo nos capítulos seguintes.

Se a primeira polêmica foi travada com Roberto Espósito em torno do esgotamento do paradigma imunológico, a questão das disciplinas e de uma sociedade disciplinar – cuja forma já teria sido ultrapassada pela biopolítica na obra do próprio Foucault – é o centro da discussão que tem lugar no segundo capítulo, eixo pelo qual o autor conduz sua reflexão em torno da formulação de uma “sociedade do desempenho” que conforma sujeitos mais rápidos e mais produtivos do que o “sujeito da obediência”. Tal como Foucault, Han constata a linha de continuidade entre os traços constituídos pelas disciplinas e aqueles modulados pelo desempenho, já que “o sujeito do desempenho continua disciplinado” (pp25-6). A discussão e identificação da sociedade do desempenho se desdobra em mais uma discussão, desta vez com Ehremberg, em torno da depressão. Desempenho, depressão e *burnout* se entrelaçam em torno não do excesso de responsabilidade e iniciativa, mas em resposta ao “imperativo do desempenho como um novo mandato da sociedade pós moderna do trabalho” (p.27). Um novo tipo humano, “exposto e entregue indefeso ao excesso de positividade” passa a ser identificado como um *animal laborans* depressivo que explora a si mesmo “quiza deliberadamente, sem qualquer coação estranha. É agressor e vítima ao mesmo tempo”. (p.28). “A lamúria do indivíduo depressivo de que *é possível* só se torna possível numa sociedade que crê que *nada é impossível*.” Em meio à autoacusação destrutiva e à autoagressão, em meio à guerra consigo mesmo, o “depressivo é o inválido dessa guerra internalizada. A depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade.” (p. 29). Começam a ser delineados percursos que constituem e atravessam uma forma social do desempenho e seus desdobramentos e implicações subjetivantes, em especial (mas não exclusivamente) do ponto de vista do adoecimento. As novas doenças de característica epidêmica são consistentes e coetâneas com os desdobramentos subjetivos do desempenho, do excesso de positividade e do banimento tanto do negativo quanto das formas críticas de apreensão do mundo.

<sup>2</sup> Ver H. Arendt *A Condição Humana*. Forense Universitária, Rio de Janeiro 2007 10ª. edição

A discussão que se segue traz a marca da filosofia política de Arendt e de sua retomada, em **A Condição Humana**<sup>2</sup>, da noção de *Vita Activa*, tal como se constituiu na longa tradição da filosofia ocidental. Mais uma vez é o *animal laborans* em suas características contemporâneas que ocupa o centro do argumento. Mas, na contramão da retomada das dimensões metabólicas, tal como formuladas no mundo grego e recuperadas por Arendt, o autor de **A Sociedade do Cansaço** constrói a figura desse animal em sua versão “pós moderna”. “O animal laborans pós-moderno não abandona sua individualidade ou seu ego para entregar-se pelo trabalho a um processo de vida anônimo da espécie. (p.43).” “Visto com precisão, o *animal laborans* pós moderno é tudo menos animalesco. É hiperativo e hiperneurótico”. Marcado pelo isolamento, supostamente ancorado em religiões que não passam de “técnicas fanáticas” em rápida obsolescência, reduzidos à duração em um mundo marcado pela transitoriedade permanente cujas narrativas são rapidamente desrealizadas, esse *animal laborans* se transforma em vida nua. Han aproximaria em poucas páginas e talvez a partir de leituras um tanto simplificadas e planas dois pensadores defasados no tempo e nos contextos de suas produções: Arendt e Agamben. Se o pensador italiano dialoga intensamente com Arendt, Han buscaria atualizar sua reflexão sobre o *homo sacer*, também em versão pós moderna, que traz para o tempo do agora o morto vivo dos campos de concentração. Essa atualização – talvez um tanto apressada – contempla como novidade em relação ao argumento de que todos nós somos potencialmente *homines sacri*, tal como Agamben enuncia, o fato de que carregamos conosco, para onde quer que possamos ir, nosso próprio posto e campo de trabalho.

“A especificidade desse campo de trabalho é que somos ao mesmo tempo prisioneiro e vigia, vítima e agressor. Assim, acabamos explorando a nós mesmos ... a exploração é possível mesmo sem senhorio. Pessoas que sofrem de depressão ... ou SB ( síndrome do burnout) desenvolvem sintomas iguais aos que apresentavam aqueles muçulmanos nos campos de concentração.” (p.47)

Para além dos esclarecimentos sobre a referência tantas vezes utilizadas por Agamben àqueles marcados pela debilidade física e mental, aos esqueletos ambulantes, os muçulmanos na linguagem utilizada dentro dos campos nazistas, Han estabelece relações entre a figura do trabalhador “pós moderno” da sociedade do esgotamento e a figura emblematicamente moderna do morto vivo. Assim também, a leitura das contribuições de Arendt – que via na emergência do social uma espécie de protagonismo do metabólico

sobre a ação humana e sua potência política – talvez tenda a nublar sua grandeza por um contraponto um tanto raso entre a figura moderna do trabalho e o que Han identifica como *animal laborans* pós moderno. Talvez, desse modo, a apreensão significativa e importante dos nexos contemporâneos que conformam o trabalho como empreendimento de si<sup>3</sup> se percam na argumentação entremeada de polêmicas e de diálogos um tanto simplificadores com pensadores do calibre de Arendt e Agamben.

Diante da ausência de negatividade, do esvaziamento do espanto como lugar do pensamento, tal como Arendt enunciara, diante de sua transformação em cálculo, diante da positivação geral do mundo, o argumento do livro chega finalmente à sociedade do cansaço. O cansaço que corrói a capacidade de falar e esvazia a alma não é um cansaço do mundo, mas um cansaço solitário e sem mundo.<sup>4</sup>

Nos dois anexos desse pequeno livro comparecem ainda outros elementos dignos de serem retomados já que são, ao que parece, centrais na detecção dos elementos transversais que constituem condições objetivas e desdobramentos subjetivos. No primeiro, intitulado *Sociedade do Esgotamento*, novos diálogos, proximidades e discordâncias se perfilam com maior ou menor centralidade para a argumentação. A primeira delas diz respeito à constituição do “aparelho psíquico” em Freud, tal como apresentado por Han, que traz uma aproximação entre o pai da psicanálise e as contribuições filosóficas de Kant. Mais uma vez as especificidades do sujeito contemporâneo ganham relevância.

“O sujeito de desempenho da modernidade tardia não se submete a nenhum trabalho compulsório. Suas máximas não são obediência, lei e cumprimento do dever, mas liberdade e boa vontade. Do trabalho espera, acima de tudo, alcançar prazer. Tampouco se trata de seguir o chamado de um outro. ... ele ouve a si mesmo. Deve ser um empreendedor de si mesmo. Assim, ele se desvincula da negatividade das ordens do outro. Mas essa liberdade do outro não só lhe proporciona emancipação e libertação. A dialética misteriosa da liberdade transforma essa liberdade em novas coações.” (p.83)

Nessas teias em que a noção mesma de liberdade se transforma em coação<sup>5</sup> nascem sujeitos que concorrem consigo próprios até o limite de sua auto-destruição. Esses sujeitos marcados por processos de flexibilização continuamente exacerbada não trazem consigo a cicatriz das disciplinas e das repressões, mas ao contrário, flexibilizam seu caráter e, nesse

<sup>3</sup> A ideia de uma sociedade de empresas, proveniente do empresariamento de si foi formulada por Foucault em *O Nascimento da Biopolítica*, Martins Fontes, São Paulo, 2008 também ausente do argumento de Han

<sup>4</sup> A falta do mundo, o esvaziamento do mundo comum é a marca da solidão tal como tematizada por Arendt em *A Condição Humana*, entre outras contribuições da autora. Curiosamente, o argumento classicamente formulado por ela não é retomado nessa definição da sociedade do cansaço.

<sup>5</sup> Caberia aqui retomar as considerações de Foucault sobre os processos de governo pela liberdade, tal como se conformam em sua genealogia do liberalismo europeu. Ver especialmente, entre outros volumes em que foram publicados os Cursos no Collège de France, *Em Defesa da Sociedade*, Martins Fontes, São Paulo, 1999.

processo, perdem suas formas.

“Vertido em sentido positivo, esse homem sem caráter significaria o homem flexível, aquele que pode acolher toda e qualquer forma, todo e qualquer papel, toda e qualquer função, Essa falta de forma ou flexibilidade produz uma eficiência econômica elevada”. (p. 87) Esse sujeito, “esgotado de si mesmo, de lutar consigo mesmo .... (é) incapaz de sair de si, estar lá fora, de confiar no outro, no mundo” (p. 91) o que o conduz à auto erosão e ao esvaziamento, agravado pelo mundo digital. “Nos círculos virtuais, o eu pode mover-se praticamente desprovido do ‘princípio de realidade’ que seria um princípio do outro e da resistência”. (p.91) Nesse mundo virtual onde o luto sofre permanente interdição, nasce uma suposta “alegria” que se ancora numa “massa de aplausos que dá atenção ao ego exposto ao modo de uma mercadoria” (p.93)

Nesse excerto reaparecem e se atualizam as ideias que marcaram o **Homem sem Qualidades** de um Musil<sup>6</sup> ou mesmo os temas da **Corrosão do Caráter**<sup>7</sup> de R. Sennet, embora esses autores não sejam citados. O excesso, a exacerbação de estímulos, o esgotamento também poderiam remeter ao clássico *As Grandes Cidades e a Vida do Espírito*<sup>8</sup> de G. Simmel, mas essas referências passaram despercebidas. Por outro lado, ganham relevo vínculos e tramas que permitem perceber, em escalas diferentes, fenômenos interligados, como na citação em que Han aponta o que é transversal às transformações sócio econômicas e aos processos de construção subjetiva:

“A sociedade disciplinar industrial depende de uma identidade firme e imutável, enquanto a sociedade do desempenho não industrial necessita de uma pessoa flexível, para poder aumentar a produção”. (p 97)

Se toda uma trajetória intelectual que constitui essas dimensões ao longo do século XX é no mínimo relegada ao silêncio, ganham destaque outros elementos na formação do sujeito da sociedade do cansaço e do esgotamento, pela constante transformação da liberdade em coação, pela emergência dessa auto coação destrutiva que se transforma em violência auto gerada o que, por sua vez, transforma soberania em sacrifício, *homo liber em homo sacer de si mesmo* (p.105) às voltas com o imperativo da sobrevivência, “que absolutiza o sadio” produzindo “zumbis saudáveis, e fitness, zumbis do desempenho e do botox.” Somos então mortos vivos de nova cepa, já que estamos mortos demais para viver e vivos demais para morrer (pp 118-9)

Se a obra de Agamben permanece dialogando com o argumento desse primeiro anexo, outras ausências podem ser notadas especialmente a partir de temas

<sup>6</sup> R. Musil – O Homem sem Qualidades. Nova fronteira, Rio de Janeiro, 1989

<sup>7</sup> R. Sennet. A Corrosão do Caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Editora Record. Rio de Janeiro, 2015 16ª. edição

<sup>8</sup> G. Simmel *As Grandes Cidades e a Vida do Espírito* (1903) in <https://www.scielo.br/j/mana/a/Wf-kbJzPmYNdfNWxpyKpcwWj/?lang=pt>

e enfoques muito próximos. Talvez esse seja o caso de Rancière<sup>9</sup> e mesmo das teses de Arendt sobre o encolhimento do político e o esvaziamento do mundo comum, também mantidos em silêncio mesmo que a citação reproduzida abaixo seja muito semelhante a essas concepções.

“Hoje parece que a política vive ainda apenas de decretos de urgência. Já não é livre. Isto quer dizer: Hoje já não há política. Se ela não admite nenhuma alternativa, acaba se aproximando de uma ditadura, da ditadura do capital. Os políticos, que hoje se degradaram em capangas do sistema, que no melhor dos casos são háveis administradores da economia doméstica ou contadores, não são mais políticos no sentido aristotélico.” (p.120)

Nesse panorama dominado pelo terrorismo do capital e do capitalismo financeiro (p.123) não há lugar para a festa e para a celebração, impossibilitadas pela natureza totalitária da devastação produzida pelo tempo e pela natureza do trabalho e das identidades flexíveis, das relações virtualmente mediadas, das composições e imbricamentos que fazem de cada um de nós parte das vitrines onde imperam as formas mercantis, que nos envolvem e nos impregnam do falso e danoso brilho de suas formas fetichizadas.

Para além das aproximações e distanciamentos inerentes à forma ensaio pairam, ao final da leitura, algumas questões que dizem respeito, por exemplo, às caracterizações do nosso tempo e de seus elementos. Afinal, se perseguimos trajetórias de temas e questões, talvez essas dimensões expostas e exploradas no livro **A Sociedade do Cansaço** sejam apenas modulações contemporâneas de processos que atravessaram e constituíram as condições objetivas e subjetivas que vêm varrendo o mundo há pelo menos dois séculos, desde que “tudo que é sólido se desmancha no ar”<sup>10</sup>. Ou talvez a formulação da sociedade do cansaço e do esgotamento seja apenas a última modulação desse longo processo cujos males de nascença foram denunciados eloquentemente por autores presentes e ausentes nos argumentos que se perfilam ao longo dos excertos, escritos na forma de ensaios e anexos finais. Talvez, ainda, a novidade do texto seja então composta por ênfases e aproximações – algumas apenas retomadas, outras inéditas – que permitem problematizar de novos ângulos as questões que nos constituem. ao mesmo tempo em que destituem mundos e experiências comuns, tal como foram sendo enunciadas e prospectadas, consequente e profundamente analisadas por diferentes vertentes do pensamento crítico.

<sup>9</sup> Ver entre outras referências J. Rancière O Desentendimento, Política e Filosofia, Editora 34, São Paulo, 1996.

<sup>10</sup> Referência à frase de Marx e Engels formulada no Manifesto do Partido Comunista, publicado pela primeira vez de 1848.